

SEM O CORPO A ALMA NÃO GOZA

Eros e Mística: um encontro na
poesia de Adélia Prado

WITHOUT A BODY THE SOUL DOES NOT REJOICE

Eros and Mystic: an encounter at
Adélia Prado's poetry

*Jonathan Gonçalves**

* Jonathan Gonçalves
é graduado em Filoso-
fia e Teologia.

Resumo:

O presente artigo tem a intenção de apresentar alguns elementos da poesia de Adélia Prado, poetisa da cidade de Divinópolis - MG, que apontam para um caminho de unidade entre Eros e Mística. Uma unidade harmônica que supera certa visão fragmentária, compartimentada da experiência com o divino, pois, em sua poética mística, o corpo, e todas as sensações que dele advêm, é lugar propício para o encontro com Deus. Na poesia de Adélia Prado há a percepção de que toda a realidade criada é permeada pela graça divina, porque *Deus não rejeita as obras de suas mãos*. Ela busca, de variadas formas, expressar essa união mística com Deus, com o criado e o seu esposo, o seu Zé, utilizando de uma linguagem evidentemente erótica. Eros e Mística, poetizados em circunstâncias aparentemente frugais, são, enfim, para Adélia Prado, um caminho que conduz à formidável epifania de que Deus é, acima de tudo, amor.

Palavras chave: Deus, Eros, Mística, amor, poesia, corpo.

Abstract:

The present article has the purpose of exposing some principles of Adélia Prado's poetry. The poet, from Divinópolis, a city of Minas Gerais, suggests the perspective of a union between Eros and Mystic. A harmonious union that overcomes a fragmented vision of the experience of the divine: in her mystic poetry, the body and all the sensations correlated to it are the propitious place for the union with God. Adélia Prado's poetry brings the perception that all the reality created is full of divine Grace, because *God never refuses the product of his hands*. She tries, in different ways, to express this mystic union with God, with the servant and his partner Zé, using a clearly erotic language. Eros and Mystic, poetically described in apparently frugal situations, are, for Adélia Prado, the way to reach the great epiphany that God is, first of all, love.

Keywords: God, Eros, Mystic, love, poetry, body.

A poética mística de Adélia Prado

Para falar da obra de Adélia Prado podemos utilizar o termo: *poética mística*. A relação entre mística e poesia não é recente e não são poucos os casos na história em que isso acontece. Místicos como Ângelo Silesius, Teresa D'Avila, João da Cruz, Hildegard von Bingen, como também Rumi e Ibn Arab, poetas e místicos mulçumanos, fizeram uso da linguagem poética para transcrever as experiências que tiveram com o sagrado.

Na poética mística de Adélia Prado é inquestionável a percepção da poesia como um dom de Deus. A poesia para ela é a transmissão de algo que ela recebeu. Tanto é verdade que ela faz uso de uma epígrafe bíblica, retirada de I Cor 11,23, para expressar essa sua convicção, no início de *O coração disparado: Com efeito, eu mesma recebi do senhor o que vos transmito*. Entretanto, ela não é a profeta ou a mística da dissolução despersonalizante. Em sua poesia é evidente este anseio por unidade com Deus, mas é uma unidade dialética, na qual é possível *ser um com Deus sem deixar de ser eu; ser um com o mundo sem que a consciência deixe de ser consciência*.² É perceptível esta concepção dialética, na qual é possível visualizar tanto a ação de Deus como da autora no poema Direitos humanos:

Sei que Deus mora em mim
como sua melhor casa.
Sou sua paisagem,

² L. BOFF. Mestre Eckhart: a mística da disponibilidade e da libertação. In: J ECKHART. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1991, pp.11-48.

sua retorta alquímica
e para sua alegria
seus dois olhos.
Mas esta letra é minha.⁵

Nesse poema podemos ver então essa tensão harmoniosa entre o divino e o humano, a dialética da união com Deus, na qual o sujeito finito não é diluído no Infinito. Ao analisar este poema, Balbino afirma que:

Deus habita o sujeito e o utiliza como instrumento para reboar sua voz divina nos quatro cantos do mundo; o humano é uma casa de Deus, a paisagem da presença divina, o recipiente em que se faz a transmutação, a química mágica que irá produzir o ouro da poesia, mas a letra, o traço que se inscreve sobre a página em branco, é a inscrição do sujeito no texto, é a posse, ou melhor, é a parte que ele detém no fazer poético. A poesia é sempre de Deus, mas a palavra é do homem e, neste caso, da mulher.⁴

A poesia mística da poetisa de Divinópolis, dessa forma, não é dispersão fantasiosa, uma fuga do real para buscar abrigo no mundo etéreo das contemplações e vibrações interiores, esquecendo-se do próprio chão de sua terra que a circunda. Heidegger, comentando um trecho do poema de Höderlin, sustenta que *a poesia não sobrevoa e nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar.*⁵ A poética mística de Adélia Prado se caracteriza por esta capacidade de estar com os pés fincados em sua realidade, na terra que ela habita poeticamente, e, ao mesmo tempo, ver nesta terra a face, a graça do divino. A terra é então sagrada, porque tocada por Deus. *É nesse sentido que a poética de Adélia Prado é religiosa, pois tem a capacidade e a sensibilidade de captar essa dimensão sagrada do mundo nas coisas mais simples e corriqueiras.*⁶

Assim, na poética mística de Adélia Prado acontece esse harmonioso encontro entre Deus que é sedento do homem e o humano que é sedento de Deus. Tal encontro acontece nas vicissitudes ordinárias, sem grandes estardalhaços ou arroubos extáticos. Na fragmentação do cotidiano se instaura em sua poesia mística, que é louvor do dia-a-dia, que é caminho de redenção e também é *Eros*, que possibilita um encontro íntimo entre a criatura e seu Criador.

⁵ A. PRADO. *Oráculos de maio*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 69.

⁴ E. BALBINO. *Inspiração e poíesis na poesia de Adélia Prado*. In: Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2011, vol. 2, n. 2, p. 11.

⁵ M. HEIDEGGER, *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2010, p.169.

⁶ J. COSTA JR. *Religião e literatura na poética mística de Adélia Prado*. In: Horizonte: Dossiê: Religião e Literatura, 25 (2012) pp. 120-135.

2. Mística e erotismo

Santa Teresa, em seu *Livro da Vida*, nos deixou um relato de uma intensa experiência da presença de Deus:

...eu via um anjo perto de mim, do lado esquerdo, em forma corporal, o que só acontece raramente [...]. Vi que trazia nas mãos um comprido dardo de ouro, em cuja ponta de ferro julguei que havia um pouco de fogo. Eu tinha a impressão de que ele me perfurava o coração com o dardo algumas vezes, atingindo-me as entranhas. Quando o tirava, parecia-me que as entranhas eram retiradas, e eu ficava toda abrasada num imenso amor de Deus. A dor era tão grande que eu soltava gemidos, e era tão excessiva a suavidade produzida por essa dor imensa que a alma não desejava que tivesse fim nem se contentava senão com a presença de Deus. Não se trata de dor corporal; é espiritual, se bem que o corpo também participe, às vezes muito. É um contato tão suave entre a alma e Deus que suplico à Sua bondade que dê essa experiência a quem pensar que eu minto.⁷

⁷ SANTA TERESA D'AVILA. Poesias. In: *Obras completas*. São Paulo: Loyola, 1995, pp. 53-1029.

Nesta narrativa, a Doutora da Igreja relata este profundo encontro com Deus, através da figura de um anjo. O que salta aos olhos na descrição é que a Santa, ao narrar tal experiência, faz uso de uma linguagem evidentemente erótica. A dor, o amor, o desejo, o abraçar-se são termos que os místicos usam para tentar transcrever a experiência do inefável. Embora a mística espanhola sustente que a dor que ela sentiu ao vivenciar tal fato fosse de cunho espiritual, ela não nega que o seu corpo também foi imerso em tal experiência, não esporadicamente, mas *às vezes muito*. Corpo e alma participam unitariamente deste encontro sublime. As sensações que ela descreve são, portanto, tanto espirituais, como corporais. Toda a dimensão corporal e espiritual é imbuída desta graça. É uma experiência na qual o aspecto unitário adquire relevância, pois o erótico e o místico se entrelaçam harmoniosamente, colocando em segundo plano toda uma visão dualista que ainda vigorava na época. O Eros em si possibilita esta superação, pois, ele é desejo, e desejo de unidade. Nesse sentido se expressa May: *Eros é fantasia, criatividade e união. Coesão de elementos na mesma unidade plural. Ao mesmo tempo harmonia e provocação. Eros pertence ao dinamismo próprio do amor.*⁸

⁸ R. MAY. *Amor e vontade – eros e repressão*. Petrópolis: Vozes, 1992, p.73.

venciado em plenitude, conduz o ser humano ao *Agape*, à contemplação amorosa de Deus. Comentando *Deus Caritas est*, do papa emérito Bento XVI, Bingemer afirma que a novidade do Evangelho, em relação à cultura grega, está no fato de *ir mais longe que o eros, encontrando a síntese agápica, feita não só de atração sexual e exaltação física, mas também de carinho, cuidado, desvelo pelo amado até o sacrifício e a oblação de si mesmo.*⁹ É o que acontece com Santa Teresa. Sua experiência não se firma na fruição ou na exaltação da consolação¹⁰ gerada. Ela, perfurada pelo dardo flamejante, geme e sente uma suave dor, e tais sensações conduzem Teresa ao profundo desejo de estar sempre diante da presença de Deus. As sensações são meios para um fim: a presença amorosa de Deus. *Eros* se plenifica quando se entrelaça com *Ágape*. Nesse sentido se expressa Maçaneiro:

À luz da revelação bíblica, podemos dizer que Eros acena, recorda e se encaminha para *Ágape* (cf. Ef 5, 25). Poderíamos até nos perguntar; *ágape* (amor-entrega) exclui necessariamente o eros (vínculo, desejo)? Aqui, em particular, se manifesta a presença da graça: Deus nos toca com seu espírito, nos educa e liberta, possibilitando o encontro de nosso eros com o amor-*ágape*.[...] Eros não é estorvo ao amor. É, sim, uma energia de união, um querer arder-se pelo outro, para estar com o outro e no outro: *comunhão*.¹¹

Este encontro harmonioso entre *eros* e *mística* também se faz presente nos escritos adelianos, sejam eles em prosa ou em poesia. Encontro profundo que, de certa forma, impossibilita a ousada tentativa de empreender qualquer tipo de distinção entre o que consideramos *místico* ou *erótico* em seus escritos. O eros contamina – positivamente falando – a experiência *mística* da poetisa de Divinópolis, e o contrário também o é veraz. *Em Adélia, mística e erótica se tocam e até mesmo se confundem. Adélia só faz mostrar com isso a configuração claramente cristã tanto de sua mística como de sua poesia.*¹²

A *mística*, seja ela *cristã* ou não, ao longo dos tempos, fez uso de expressões ligadas ao campo da sexualidade para expressar este encontro avassalador com o transcendente. Apesar de sempre reconhecerem que as palavras jamais conseguiriam abstrair completamente esta consciência imediata da presença de Deus¹³ em suas existências, os *místicos*, quando tentam fazê-lo, geralmente se utilizam da linguagem do amor, da ternura. Pois a *linguagem amorosa, erótica é* aquela que melhor se aproxima da intimidade deste encontro.

⁹ M. C. L. BINGEMER. Deus: experiência originante e originada: o texto materno-teológico de Adélia Prado. In: C. CALDAS; G. DE MORI; L. SANTOS (orgs.). *A aragem do Sagrado: Deus na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2011, pp. 235-267.

¹⁰ As consolações ou dons especiais, como visões e êxtases foram sempre tratados com reserva pelos místicos. Eles acentuam constantemente que da experiência *mística* tais consolações ou monções do espírito são sempre meios para um fim, que é o próprio Deus. São Gregório de Narek, monge, *místico*, doutor da Igreja, poeta armênio, acentua esta convicção de maneira evidentemente bela em seu poema/oração. Disponível em: <<http://ecclesia.com.br/biblioteca/sophia/?p=1744>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

¹¹ M. MAÇANEIRO. *Mística e Erótica: um ensaio sobre Deus, Eros e Beleza*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 57.

¹² M. C. L. BINGEMER. Deus: experiência originante e originada: o texto materno-teológico de Adélia Prado. In: C. CAL-

DAS; G. DE MORI; L. SANTOS (orgs.). *A aragem do Sagrado*: Deus na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Loyola, 2011. pp. 235-267.

¹³ O modo de conhecer da razão humana é sempre mediado por conceitos, modelos e palavras. A realidade conhecida se dá através da conceituação que a mente humana elaborada da mesma e do acordo que existe entre objeto exterior e a razão. Cf. L. BOFF. Mestre Eckhart: a mística da disponibilidade e da libertação. In: J. ECKHART. *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1991, pp. 11-48.

¹⁴ M. LUCCHESI; F. TEIXEIRA. *O canto da unidade*: em torno da poética de Rumi. Rio de Janeiro: Fissus, 2007, p. 40.

¹⁵ SANTA TERESA D'AVILA. *Obras completas*. São Paulo: Loyola, 1995, pp. 953-1029.

¹⁶ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras completas*. Petrópolis: 1991, pp. 25-60.

¹⁷ A. PRADO. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 85.

E, além disso, o meio mais eficaz para transcrever tal experiência foi aquele da poesia. Assim o fizeram Santa Teresa D'Avila, São João da Cruz, Santa Teresinha, também Rumi, místico e poeta sufi, e tantos outros santos e místicos de diversas religiões. Desse modo, o poético, o místico e o erótico formam uma unidade, na qual é possível entrever a beleza inesgotável, e também imperscrutável deste encontro entre divino e humano.

Rumi assim se expressa:

A teu lado, não durmo por amor,
longe de ti, não durmo pelo pranto.
Eu passo as noites de olhos bem abertos,
não perco a diferença entre as vigílias.¹⁴

E Teresa, agora usando a linguagem da poesia:

Quando o doce Caçador
Me atingiu com sua seta,
Nos meigos braços de Amor
Minh'alma aninhou-se, quieta.
E a vida em outra, seleta,
Totalmente se há trocado:
Meu Amado é para mim,
*E eu sou para meu Amado.*¹⁵

Também São João da Cruz, canta com vigor este amor:

Oh! quão manso e amoroso
Despertas em meu seio
Onde só tu secretamente moras:
Neste aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!¹⁶

Seguindo esta linha, fiel à tradição da mística cristã, também Adélia cantará de forma variada o Eros, esta força primordial que seduz e, ao mesmo tempo, se deixa seduzir. Sem qualquer tipo de pudor, a poeta dirá que

é em sexo, morte e Deus,
que eu penso invariavelmente, todo dia.
É na presença d'Ele que eu me dispo,
e muito mais, d'Ele que não é pudico
e não se ofende com as posições do amor.¹⁷

Na poesia de Adélia transparecerá, então, este forte desejo de encontro com o divino, este amor visceral por Deus, mas também pelos outros, especialmente o seu esposo, e pelo mundo, que é obra das mãos do Criador. O eros cantado por Adélia não diferencia o desejo por Deus e o desejo pelo homem, ou seu homem. É tudo uma coisa só, pois provém da mesma fonte: o próprio Deus.

Num dos poemas mais emblemáticos de Adélia Prado, *Festa do corpo de Deus*, é possível constatar de forma evidente a temática do eros:

Como um tumor maduro
a poesia pulsa dolorosa,
anunciando a paixão:
Ó crux ave, spes única
Ó passiones tempore.
Jesus tem um par de nádegas!
Mais que Javé na montanha
esta revelação me prostra.
Ó mistério, mistério,
suspenso no madeiro
o corpo humano de Deus.
É próprio do sexo o ar
que nos faunos velhos surpreendo,
em crianças supostamente perversas
e a que chamam dissoluto.
Nisto consiste o crime,
em fotografar uma mulher gozando
e dizer: eis a face do pecado.
Por séculos e séculos
os demônios porfiaram
em nos cegar com este embuste.
E teu corpo na cruz, suspenso.
E teu corpo na cruz, sem panos:
olha para mim.
Eu te adoro, ó salvador meu
que apaixonadamente me revelas
a inocência da carne.
Expondo-te como um fruto
nesta árvore de execração
o que dizer é amor,
amor do corpo, amor.¹⁸

O eu lírico adeliانو diante do Crucificado, certamente numa Igreja, espaço do sagrado, contempla, sem qualquer tipo de pudor, o corpo de Deus, as suas nádegas expostas no

¹⁸ A. PRADO. *Terra de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 75.

madeiro. E é este corpo humano de Deus, pendurado nesta *árvore de execração* que oferece para a poetisa a redenção da própria sexualidade. Melhor ainda, a superação da visão certamente machista e patriarcal que via como pecaminoso e imundo o gozo feminino, que relativizava e até mesmo rejeitava o corpo. Além do mais, *a indicação de 'Festa', que compõe o título do poema, nos envia a marca da transgressão, da ultrapassagem da situação aterradora, na qual se situa o místico.*¹⁹

¹⁹ A. SOARES. Extensões erótico-religiosas nas *Fantasia de Céu* de Adélia Prado. In: A. PRADO, *Poesia Sempre*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2005, p. 54.

Para Adélia, é destituída de lógica esta visão fragmentada, dualista, na qual a alma é supervalorizada e o corpo é visto como mera casca, simplesmente um receptáculo de algo superior, puro, ilibado. A própria Revelação nega esta dicotomia, pois *O Verbo se fez carne e veio habitar no meio de nós* (Jo, 1, 14). O Filho de Deus se fez carne, se fez corpo, então toda uma teologia ou uma espiritualidade na qual o corpo é visto com desconfiança ou negativamente é, no mínimo, questionável. Negar o valor da dimensão corporal do ser humano corresponderia contemporaneamente à negação da humanidade do Cristo. Este evento único – a encarnação – possibilita a superação desta dicotomia. Por isso, a poeta de Divinópolis afirmará em outros poemas: *Sem o corpo a alma de um homem não goza*²⁰ ou ainda: *Deus não rejeita as obras de suas mãos.*²¹ É inconcebível, para a poetisa, que o Criador de todas as coisas, inclusive da corporeidade humana, possa rejeitar tal obra. Ou seja, a experiência de, com e em Deus necessariamente passa pela dimensão da corporeidade.

²⁰ A. PRADO. *O Pelicano*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 68.

²¹ Idem, p. 27.

Eu descobri que o erótico é sagrado [...]. Toda poesia mística é sensual, não precisa dividir. O corpo é algo preciosíssimo, não é? Então, só é erótico por isso, para *animar* a divindade. [...] Veja a liturgia, é um procedimento carnal, puramente erótico: *Esse é o meu corpo, esse é o meu sangue, tomai e comei*. O reino dos céus é um banquete.²²

²² A. PRADO. *Cadernos de literatura brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000, vol. 9, junho 2000, p. 29.

O erótico em Adélia – obviamente não é aquele banalizado pela sociedade hodierna, que o reduz unicamente à genitalidade - está inserido no campo do sagrado. A separação entre sagrado (Deus) e profano (eros) não encontra, portanto, plausibilidade no expressar poético-místico adeliiano. Por isso que é no corpo, na experiência conjugal, no sexo, no encantamento com o mundo, numa relação profunda com Deus que Adélia cantará este amor *que é forte como a morte* (Ct, 8, 6), que é desejo que consuma, mas que nunca se consome. No poema *A Bela adormecida*, por exemplo, o eu lírico adeliiano cantará este encontro amoroso com Deus usando a linguagem espon-

sal, como já fizeram tantos místicos, e inclusive alguns livros bíblicos, como o *Cântico dos Cânticos*, *Oseias* e *Jeremias*. Mais para o final do poema, depois de constatar que nada mudou, apesar de ter atingido 50 anos, a poeta afirma que:

Assim que escurecer vou namorar.
Que mundo ordenado e bom!
Namorar quem?
Minha alma nasceu desposada
com um marido invisível.
Quando ele fala roreja,
quando ele vem eu sei,
porque as hastes se inclinam.
Eu fico tão atenta que adormeço
a cada ano mais.
Sob juramento lhes digo:
tenho 18 anos. Incompletos.²³

²³ A. PRADO. *O Pelicano*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 35-36.

Também através da figura enigmática de *Jonathan*, que aparece com força em *O Pelicano*, e com um destaque ainda maior no livro subsequente, *A faca no peito*, a poetisa de Divinópolis busca transcrever, sem muitos pudores, esta profunda relação de intimidade com o Transcendente. Para *Jonathan*, o eu lírico adeliانو gritará o seu amor das mais variadas formas: a frustração, a expectativa, a saudade, o desejo de entrega, a ausência e conseqüentemente a dor que advém da mesma, a beleza, o sexo são todos temas e sentimentos que Adélia dirige a esta figura. Eis alguns exemplos:

...vem, Jonathan,
qualquer hora é hora,
o que vale é ser feliz,
mais vale um pássaro na mão,
vem, ó galante, do que dois avoando,
imploro-te,
mas vem logo, desgraçado,
senão eu te furo
e não tou nem aí.²⁴

²⁴ Idem, p. 78.

Noutro poema, o nome de *Jonathan* aparece apenas no título: *Pranto para comover Jonathan*. Ao longo do pequeno poema o eu lírico expressa através de diversas comparações a grandiosidade deste amor que ela nutre por *Jonathan*:

Os diamantes são indestrutíveis?
Mais é meu amor.

O mar é imenso?
Meu amor é maior,
mais belo sem ornamentos
do que um campo de flores.
Mais triste do que a morte,
mais desesperançado
do que a onda batendo no rochedo,
mais tenaz do que o rochedo.
Ama e nem sabe mais o que ama²⁵.

²⁵ Idem, p. 81.

Para Adélia, a figura de Jonathan representa o arquétipo do masculino. Em uma conferência, um dos ouvintes questionou Adélia sobre esta figura misteriosa. Quem seria. E a poeta respondeu:

Jonathan, para mim, no texto, é o arquétipo do masculino. É o homem, aquilo que eu não sou. A experiência que eu não tenho, de ser homem. De ser o macho da espécie. Mas o homem por excelência, o homem perfeito, o mais belo que tem. Aquele que eu quero casar com ele todo dia. O homem, o masculino, a contrapartida do feminino. Por que esse nome? Eu acho esse nome bonito e eu queria um nome que não fosse brasileiro: Paulo, Marcos, Francisco, Antônio... Eu queria um nome que tivesse um distanciamento da minha vida ou de mim, que pudesse encarnar esse masculino e, para mim, era o Jonathan²⁶.

²⁶ A. PRADO. Mística e poesia. Revista *Magis* Cadernos de Fé e Cultura, n. 21, ano 1997. Disponível em: <http://www.clfcc.puc-rio.br/pdf/fc21.pdf>. Acesso em 20/01/2016.

Este amor, este forte desejo de encontro com Jonathan conduz a poeta à prostração, à adoração quando este encontro de fato acontece. *Metáfora da dimensão divina do ser humano, Jonathan, reaparecendo sempre, indica-nos o sentido de permanência do desejo, que atravessa a lírica erótico-religiosa adeliãna*.²⁷ O desejo, como salientamos acima, encontra saciedade somente no Agape eterno de Deus, pois somente n'Ele que todo o desejo encontra o seu cumprimento, somente diante de Sua presença a poeta pode então se calar e reverenciar a fonte da qual tem origem os seus poemas. Este amor imensurável, que Deus tem por nós, se manifestou para o mundo, pelo Espírito Santo, na figura de Jesus de Nazaré. Jesus é o homem por excelência, este arquétipo do qual se referia a autora. No amor por Jonathan, se faz presente o amor por Cristo Ela mesma chega a identificar Jonathan com Jesus, no poema *O sacrifício*:

²⁷ A. SOARES. Extensões erótico-religiosas nas *Fantasia de Céu* de Adélia Prado. In: A. PRADO. *Poesia Sempre*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2005, p. 58.

Não tem mar, nem transtorno político,
nem desgraça ecológica

que me afaste de Jonathan.
 Vinte invernos não bastaram
 pra esmaecer sua imagem.
 Manhã, noite, meio-dia,
 como um diamante,
 meu amor se perfaz, indestrutível.
 Eu suspiro por ele.
 Casar, ter filhos,
 foi tudo só um disfarce, recreio,
 um modo humano de me dar repouso.
 Dias há em que meu desejo é vingar-me,
 proferir impropérios: maldito, maldito.
 Mas é a mim que maldigo,
 pois vive dentro de mim
 e talvez seja deus fazendo pantomimas.
 Quero ver Jonathan
 e com o mesmo forte desejo
 quero adorar, prostrar-me,
 cantar com alta voz Panis Angelicus.
 Desde a juventude canto.
 Desde a juventude desejo e desejo
 a presença que para sempre me cale.
 As outras meninas bailavam,
 eu estacava querendo
 e só de querer vivi.
 Licor de romãs,
 Sangue invisível pulsando na presença Santíssima.
 Eu canto muito alto:
 Jonathan é Jesus.²⁸

²⁸ A. PRADO. *O Pelicano*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 83.

O amor sponsal em relação a Deus ou em relação à figura de Jonathan, presente nestes poemas e em tantos outros que poderíamos citar também se manifesta com extrema beleza na poética da mineira de Divinópolis quando ela, como a Esposa do Cântico dos Cânticos, descreve minuciosamente os motivos de amar o seu Esposo, o seu Zé:

Eu te amo, homem, hoje como
 toda vida quis e não sabia,
 eu que já amava de extremoso amor
 o peixe, a mala velha, o papel de seda e os riscos
 de bordado, onde tem o desenho cômico de um peixe –
 os lábios carnudos como os de uma negra.
Divago, quando o que quero é só dizer que te amo.
 [...] Eu te amo, homem, amo

o teu coração, o que é, a carne de que é feito,
amo sua matéria, fauna e flora,
seu poder de perecer, as aparas de tuas unhas
perdidas nas casas que habitamos,
os fios de tua barba.

[...] *Dize-me, ó amado da minha alma, onde apascentas o teu gado, onde repousas ao meio-dia, para que eu não ande vagueando atrás dos rebanhos de teus companheiros.*

Aprendo. Te aprendo, homem. O que a memória ama fica eterno. Te amo com a memória, imperecível.

Te alinhio junto das coisas que falam
uma coisa só: Deus é amor.²⁹

²⁹ A. PRADO. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 107.

A esposa, mulher, amada Adélia não mede palavras para declarar o seu amor para o seu esposo, marido, companheiro. E neste ato de declarar de todas as formas e modos possíveis este amor, abarcando no poema o que há de mais elevado e o que consideramos demasiadamente corriqueiro, ou, melhor ainda, poetizando as coisas simples da vida, juntamente com as mais espetaculares, e, dessa forma, indo além de qualquer tipo de destacamento ao nivelá-las, o eu-lírico constata que *aquilo que a memória ama fica eterno*. Amor, Memória, Eternidade, transmutam-se em uma coisa só, pois o amor pelo Zé, cantado pela poetisa está alinhado com todas as outras *coisas que falam uma coisa só*: a maravilhosa revelação de que Deus é amor.